

Eixo Temático ET-03-037 - Meio Ambiente e Recursos Naturais

PROFETAS DA CHUVA E MUDANÇAS CLIMÁTICAS NAS COMUNIDADES DE MATAS DO RIACHÃO E MATAS DO OLHO D' ÁGUA.

Ana Célia Fidélis dos Santos¹, Carlos Antônio Belarmino Alves², Luciene Vieira de Arruda²,
Ana Paula Targino da Silva¹, Aryan Carlos de Oliveira Silva¹, Danielli Rodrigues da Sila¹,
Helen Niedja Ferreira dos Santos¹, Janielly Taísa Macena de Araújo¹,
Maria Aparecida Oliveira Silva¹

¹Licenciando em Geografia pela UEPB/Campus III.

²Prof. Dr. do Departamento de Geografia – UEPB/CH.

RESUMO

Os “profetas da natureza”, como são denominados os agricultores que notam algumas manifestações naturais para prever os períodos de seca e chuva, de acordo com a posição dos astros, o vento, o acasalamento dos animais e canto das aves. A pesquisa aborda uma investigação etnoclimática nas comunidades rurais de Matas do Riachão e Matas de olho D’água, no município de Cacimba de Dentro, Paraíba, Nordeste do Brasil. O foco desta pesquisa é os “profetas da chuva locais.” Esses conhecimentos estão sendo fragmentado e desvalidando ao decorrer das mudanças climáticas com perda da biodiversidade mais ainda, e um forte instrumento para tomar as suas decisões quanto ao plantio de suas culturas e atualmente a ciência tem se aliado aos profetas e suas previsões no sentido de melhorar os acertos meteorológicos. Nesta pesquisa usamos a metodologia a entrevista semiestruturada em trabalho de campo e pesquisa empírica, sendo aplicados 40 questionários individuais em um total de 123 famílias residentes no local. Como referencial teórico foram utilizados os seguintes autores Nasuti (2013); Fuentes (2015); Folhes (2007); Lucena (2005). Objetivamos analisar a percepção dos agricultores sobre mudanças climáticas na região e a sua interação com as “experiências de inverno”, bem como averiguar os conhecimentos na área da climatologia popular o entendimento dos agricultores sobre o tempo e as mudanças climáticas. Constatamos no decorrer da pesquisa a percepção dos agricultores sobre as mudanças climáticas ocorrentes onde os agricultores utilizam a natureza como espaço de observação para as experiências de inverno e organização do seu trabalho no campo, entretanto, em decorrência dessas mudanças esta se tornando cada vez mais difícil tais observações.

Palavras-chave: Experiências.; Etnoclimatologia.; Profetas da chuva.

INTRODUÇÃO

A curiosidade e o interesse por conhecer e desvendar a realidade são características marcantes da espécie humana. A capacidade de abstração e de raciocínio impulsiona este fato, por isso, desde sua aparição no planeta Terra, o homem observou meticulosamente o mundo que o rodeia e procurou sem descanso explicações para ele, (FUENTES,2015). É substancial ressaltar que, a humanidade sempre teve a necessidade de conhecer o processo atmosférico, especialmente no que se remete aos fenômenos climáticos e meteorológicos facilitando sua sobrevivência no meio, entretanto, a climatologia vem tratando destes saberes acumulado popularmente em um ramo específico intitulado de climatologia popular ou etnoclimatologia.

A climatologia popular, por sua vez, segundo Nasuti (2013), é definida como “[...] a análise da relação entre os fatores do Clima e as culturas humanas, como uma interação bidirecional”.

De acordo com os estudos de Nasuti (2013), etnoclimatologia, enfatiza conhecimento empírico do Tempo e do Clima em um determinado local, produto do contato, observação e interação com o meio, aperfeiçoado ao longo dos anos e dos séculos por sucessivas gerações que, ao mesmo tempo, guardam e transmitem estes conhecimentos. Os fundamentos da

etnoclimatologia se atem aos saberes tradicionais transmitidos por gerações mediante narrativas orais. Sendo assim, “A bússola que retrata o Clima, portanto, tem seu norte direcionado para a cultura” (Nauta *op cit.* 2013).

Entre as causas primordiais as mudanças climáticas, avante as naturais, podemos mencionar as ações antrópicas. As referentes decorrências das mudanças climáticas podem transformar a confiabilidade no sistema hídrico atual e a administração de uso deste recurso.

Mudanças climáticas também ocorrerão no Brasil e, talvez, com efeitos mais danosos pela vulnerabilidade histórica que o país apresenta a desastres naturais, como secas, enchentes e deslizamentos de encostas. (PELLEGRINO, 2007). O país seja um grande potencial a sofrer com as mudanças climáticas mais catastróficas que podem vir a acontecer.

Nas últimas décadas, as mudanças do clima e seus impactos no planeta se tornaram um dos desafios mais discutidos por cientistas e pela sociedade em geral, onde, o bioma Caatinga é um dos mais vulneráveis as mudanças climáticas que acometem o mundo. Por tanto, a irregularidade climática dessa região é um dos fatores que mais interferem na vida dos seus habitantes (MARENGO, 2007).

Segundo Abrantes (2011) “Nesse contexto, os moradores de comunidades rurais adaptaram-se e aperfeiçoaram-se na observação de sinais como prováveis indicadores de estações chuvosas, constituindo uma das principais características dos sertanejos, que dependem de uma estação chuvosa favorável para assim se prepararem antecipadamente para o início do cultivo de suas culturas alimentícias”.

Os “profetas da natureza”, como são chamados os agricultores que observam alguns fenômenos naturais para “adivinhar” os períodos de seca e chuva, seguem alguns sinais, como à posição dos astros, o vento, o acasalamento dos animais, o canto das aves, e até mesmo algumas características psicológicas do homem. (MARTINS, 2006)

OBJETIVO

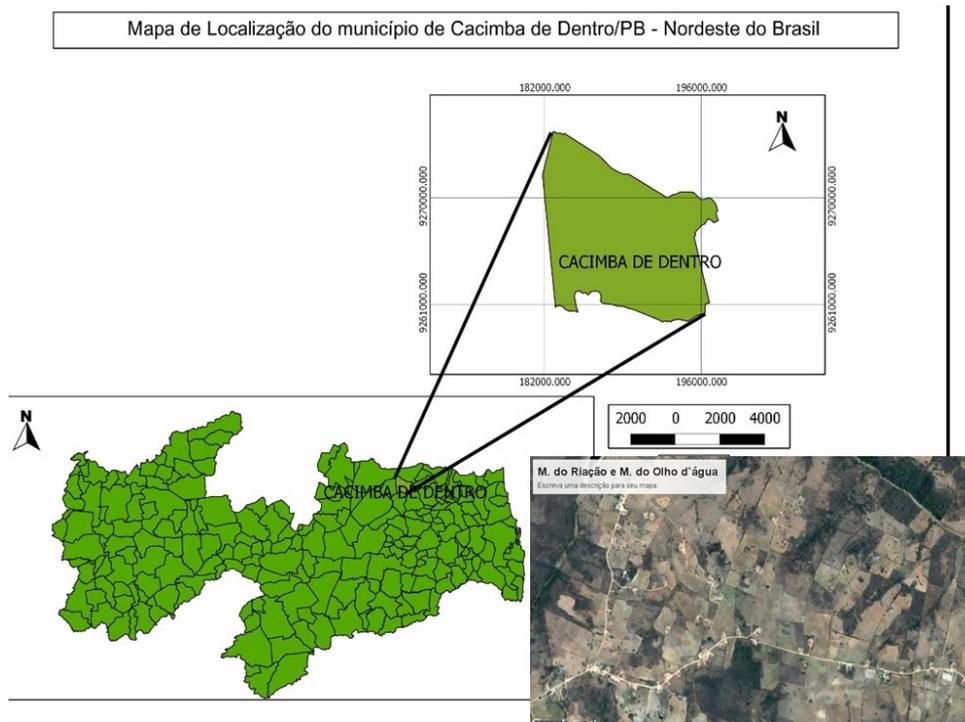
A pesquisa objetivou averiguar os conhecimentos na área da climatologia popular e as percepções dos agricultores sobre o tempo e as mudanças climáticas na comunidade de Matas do Riachão e Matas do olho D’ água, no município de Cacimba de Dentro, Paraíba.

METODOLOGIA

Área de estudo

O Município de Cacimba de Dentro está localizado na Mesorregião do Agreste paraibano, na Microrregião do Curimataú Oriental do Estado da Paraíba. Limita-se com os municípios de Damião, Casserengue, Solânea, Araruna e com o Estado do Rio Grande do Norte, abrangendo uma área de 239,7 km². “A sede do município tem uma altitude aproximada de 536 metros, distante 125 km da capital, apresentando as coordenadas Geográficas de 06°38’ 30” de latitude sul e 35°47’ 24” de longitude Oeste”. O acesso é feito, a partir de João Pessoa, pelas rodovias BR 230, BR 104 e PB 133. CPRM, (2005).

O Município de Cacimba de Dentro, está inserido na unidade geoambiental dos Serrotes, Inselbuergues e Maciços Residuais. As áreas dessa unidade situam-se em altitudes de 200 a 500 metros, compreendendo elevações geralmente formadas por grandes penhascos rochosos, que ocorrem em algumas áreas das planícies dos sertões de Sergipe, Alagoas, Ceará, Paraíba e Rio Grande do Norte. Nos piemontes dessas elevações são frequentes os solos profundos e de alta fertilidade natural. A vegetação é de Caatinga Hipoxerófila, com pequenas áreas de Florestas Caducifólias. CPRM, (2005).



O presente estudo foi desenvolvido em março de 2016 á novembro de 2017, visitando-se todas as residências das comunidades e (123) onde só participaram as pessoas de 40 casas. Foram entrevistados os dois chefes de cada família homem/mulher. Utilizando-se formulários semiestruturados de acordo com (Albuquerque 2010). Totalizando 40 informantes – homem/mulher -. Para cada informante foi explicado o objetivo da pesquisa, e realizaram-se as entrevistas individuais em horários distintos com cada informante e utilizou-se a técnica de entrevista semiestruturada, onde se apresentou perguntas específicas sobre aspectos climáticos, aquecimento global e experiências de invernos.

O presente estudo trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativa, baseado na interpretação de relatos pessoais dos indivíduos, por isso, é importante analisar os dados a partir do contexto social em que estão inseridos, uma vez que é necessário prestar devida atenção aos significados que as pessoas dão ao que está sendo proposto no trabalho (RUOSO, 2012).

Os dados coletados foram confrontados com a literatura pertinente para análise das espécies e comportamentos mais frequentemente citados pelos pesquisados, e dispostos em categorias seguindo a metodologia de BARDIN (2009). Todos os informantes foram identificados e mapeados por duas coordenadas geográficas, através do instrumento GPS (My GPS altitude) para elaboração do mapa de distribuição das residências onde os informantes foram entrevistados geralmente as pessoas com idades avançadas.

Fizemos de uso ainda de levantamento bibliográfico com base nos seguintes autores: Nasuti (2013).; Fuentes (2015).; Folhes (2007).; Lucena (2005) entre outros.

DISCUSSÃO

No setor rural no nordeste brasileiro, a utilização de aspectos da biodiversidade como intercessores da compreensão do clima são comuns e se vinculam ao conhecimento tradicional desses moradores. São varias as maneiras de interpretação, que tem como embasamentos o tipo de folhagem das árvores , o comportamento das aves ,dos peixes, dos insetos, dos peixes , entre outros.

Esses saberes são repassados de geração em geração de acordo com as observações. Segundo Lucena (2005) ““a transmissão do conhecimento sobre indicação de chuva é realizada

de forma vertical (de pai para filho) e circular (este se dá no âmbito comunitário através de conversas informais entre os moradores)”.

Os mediadores destes saberes são denominados profetas da chuva, indivíduos que conhecem as características da natureza e mantem uma relação com a mesma, observando os respectivos sinais para suas previsões. Como ressalta Galeno (1998) “É, pois, da maior importância, saber interpretar o comportamento dos referidos espécimes, durante os meses de verão da maior parte das experiências de inverno. Isso dito, vejamos o significado de alguns destes sinais tomados nas experiências de secas e de invernos: [...]Se o pau d’arco roxo flora, entre os meses de junho e julho e segura a casca, bom sinal de inverno para o ano seguinte. Por sua vez, o cajueiro se flora no começo do verão, sinal de inverno cedo”.

Entretanto, não se restringe somente a flora os indícios de aproximação do período chuvoso, a fauna também sinaliza sinais para que o agricultor possa se preparar para o inverno. Como ressalta Galeno (1998) “No tocante às especulações com os animais, o critério não varia: é o da proliferação. Este ou aquele bicho aparecendo acompanhado de muitas crias em determinada estação do ano sinal de bom inverno para o ano seguinte. Alguns iam mais longe. Davam especial importância ao comportamento dos tatus em fins de ano. Sentenciava o velho sertanejo: ‘quando o carrapato subir da barriga para o sovaco dos tatus, a chuva cairá’”.

Os agricultores locais entrevistados expõem um amplo conhecimento sobre as experiências de inverno e seca, nos quais são analisados os aspectos da paisagem como a fauna, flora, os astros e dias santos, alguma data específica do ano como dia de São José, dia de Santa Luzia, etc. Que podem ser eminentes como princípios gerais nas elaborações das experiências. Nas respectivas categorias a seguir são apresentadas as experiências de inverno que mais se evidenciaram na pesquisa.

CATEGORIA I- BASEADOS NAS PLANTAS

Foram relatadas 10 experiências baseadas em plantas, sendo que as principais citadas foram o Umbuzeiro (*Spondias tuberosa* Arruda), a barriguda (*Ceiba glaziovii*), a macambira (*Bromélia laciniosa*) e o Juazeiro (*Ziziphus joazeiro*). Os sinais que representam as experiências de inverno estão ligados à floração e frutificação das plantas, em alguns casos também relacionados ao lado que ocorre a floração. A análise do Sr. Jose Sebastião de Oliveira, 75 anos de idade, agricultor denominado como profeta da chuva, descreve as experiências da barriguda, macambira e o Juazeiro.

“Tem muita experiência que a gente repara de um ano pra o outro, a barriguda, no ano que é pra chover”... eu fico reparando todo dia, quando as flores dela estão sendo criadas vai sustentando ela fica branquinha de fulô, mas acontece que no ano que não chove, não sustenta nenhuma agora quando o ano é chovedor ela sustenta... eu já estou observando ela pro ano que vem... a barriguda no ano que a fulô dela sustenta toda pra o sul a chuva não vai pro sertão.

A macambira, ela começa a estourar o cacho bem amarelinho (a flor), só chove depois de 45 dias, nos 45 dias ela fica madura aí começa a chover, mais antes não chove.

“Juá, quando ele começa a madurecer e seus frutos caem no chão logo após vem à chuva, por que o juá só cai com chuva.”

(profeta da chuva José Sebastião de oliveira, agricultor, 75 anos).

O umbuzeiro e o juazeiro estão interligados a chuva, pois, quando o fruto vem a cair em terra molhada é indicação de um bom inverno como foi registrado nos estudos de Magalhães (1952) e de Lucena (2005).

Quadro 1. Plantas bioindicadoras de chuvas nas comunidades de Matas do Riachão e Matas do Olho d'Água. Cacimba de Dentro-PB.

Flora	Indício de chuva
Juazeiro <i>Ziziphus joazeiro</i>	Todas estão associadas aos períodos chuvosos tomando como pressuposto a floração e frutificação das plantas, essas previsões são analisadas no ano atual em que o entrevistado percebe e observa os sinais.
Barriguda <i>Ceiba glaziovii</i>	
Umbuzeiro <i>Spondias tuberosa</i> Arruda	
Xique xique <i>Pilosocereus gounellei</i>	
Macambira <i>Bromélia laciniosa</i>	
Pau d'arco <i>Tabebuia spp</i>	
Freijó <i>Cordia goeldiana</i>	

Fonte: Pesquisa de campo/comunidades de Matas do Riachão e Matas do Olho d'Água/ 2017.

Fotografia 1- Planta –Macambira. Fotografia 2- planta –Barriguda. Fotografia 3- Fruto – Juá.



CATEGORIA II - BASEADAS NA FAUNA

Dentre as espécies de animais foram relatadas 08 experiências baseadas em espécies são bioindicadores de ano bom de inverno o não, os citados com mais relevância foram o Embuá (*Lulus sabulosus cylindroiulus*), serra-pau (*Hedypathes betulinus*) e maribondo (*Euscorpius flaviaudus*).

“O embuá só sobe na parede se for chover grosso, caso não seja ele fica no chão, eles tem um saber, eles só sobem na parede por que a chuva vai ser grossa, procurando abrigo para que a chuva não carregue eles”.

O Serra-pau, quando é pra fazer verão grande, ele vem cerrando, quando ele acaba de cerrar a árvore cai no chão, na árvore tem as ovinhas deles, quando a árvore cai com 40 dias não chove por que se chover ele perde as ovas... ai com 40 dias ele tira todas as ovas, ai a chuva vem para que eles se criem.”
(profeta da chuva José Sebastião de oliveira, agricultor, 75 anos).

Outra coisa que paro para observar e o maribondo (*Euscorpius flaviaudus*), se eles estiverem rodeando a casa da gente e começarem a entrar para dentro de casa é sinal de chuva.

(profeta da chuva Vicente Manoel Targino, 80 anos, agricultor).

Quadro 2. Animais bioindicadores de chuva nas comunidades de Matas do Riachão e Matas do Olho d'Água, Cacimba de dentro- PB.

<i>Fauna</i>	<i>Indício de chuva</i>
Pássaro Anum Preto <i>Crotophaga ani</i>	<i>Seu respectivo canto.</i>
maribondo <i>Euscorpius flaviaudus</i> <i>sp</i>	<i>Procurando abrigo dentro de casa!</i>
Embuá - <i>Lulus sabulosus cylindroiulus</i>	
Serra –pau <i>Hedypathes betulinus</i>	<i>Fêmea construindo o ninho–seca.</i>
Cupim <i>Cryptotermes sp</i>	<i>Quando sai com asas!</i>

Fonte: Pesquisa de campo/comunidades de Matas do Riachão e Matas do Olho d'Água/ 2017.

Fotografia 4- Inseto- Serra-pau.



Fotografia 5- Inseto- Maribondo caboclo.



Fotografia 6- Inseto- Embuá.



CATEGORIA III- BASEADOS NAS ESTRELAS

De acordo com a etnoclimatologia dos agricultores a estrela D'alva foi a mais referenciada, como pode ser observada nas palavras de dona Severina; “costumo me levantar e olhar para o céu já procurando a estrela Dalva no céu, aprendi com meu pai a procurar ela no céu, ele sempre dizia que se ela aparecer no céu é sinal que o inverno vai ser bom, vai render muito.” (*Profeta Severina André oliveira, agricultora, 65 anos*). Abrantes (2011) e Folhes; Donald (2007) mencionaram o aparecimento da Estrela D'Alva como indicadora de estação chuvosa.

Fotografia 7-Estrela Dalva



Fotografia 8- Sete estrelas



Quadro 3. Bioindicação de chuvas pelas Estrelas na comunidade de Matas do Riachão e Matas do Olho d' Água, Cacimba de Dentro-PB.

Estrelas	Indício de chuvas
<i>Sete estrelas</i>	<i>Se deslocar de lugar!</i>
<i>Estrela Dalva</i>	<i>Se esconde e só surge novamente com chuva!</i>

Fonte: Pesquisa de campo/comunidades de Matas do Riachão e Matas do Olho d' Água/ 2017.

CATEGORIA IV- BASEADOS PELA LUA

A lua também serve de objeto de observação dos profetas da natureza, as fases da lua servem como ponto de observação, segundo as percepções etnoclimatológicas. há interligação entre a lua e as mudanças no tempo. Foram indicadas pela observação da fase crescente.

“Baseio-me para observar se vai chover com a lua, se chover quando ela estiver na sua fase crescente significa que o mês será bom de chuva.” (**profeta da chuva Vicente Manoel Targino, 80 anos, agricultor.**).

Entretanto, também existe a prenuncia baseada na lua sobre a bolandeira. Segundo Folhes; Donald (2007) “[...] se a lua desponta no céu envolto de um círculo muito colorido, a chuva é esperada no dia seguinte, e se o círculo é esbranquiçado e recorrente durante o final da estação seca é sinal de chuvas na próxima estação”.

Quadro 4. Bioindicação de chuvas pela Lua na comunidade de Matas do Riachão e Matas do olho D' água, Cacimba de dentro- PB.

Fases ou aspectos da lua	Indício de chuvas
<i>Lua cheia</i>	<i>Traz chuvas.</i>
<i>Lua crescente</i>	<i>Se ocorrer chuva nesta fase.</i>
<i>Bulandeira</i>	

Fonte: pesquisa de campo/comunidades de Matas do Riachão e Matas do olho d' água/ 2017.

CATEGORIA V – DIAS SANTOS

Experiência dos dias santos é baseada em dias religiosos.

“Santa Luzia – Se coloca na telha 12 colheres de sal em cima de uma telha no dia de santa Luzia (13/12) que corresponde a cada mês do ano, após a noite tem que ir olhar as 12 colheres, a colher que o sal

virar pequenas pedras, significa que o mês que a colher representa será um mês bom de chuva.” (**Profeta Severina André oliveira, agricultora, 65 anos**).

A análise realizada pela agricultora Sr.^a **Severina André Oliveira** remete a seguinte experiência também: dia de São José (19 de março) precipitando neste dia, ou no dia anterior é sinal que o ano será um ano respectivamente bom de chuva. A véspera de ano novo é um dia muito observado, também relata o agricultor S.r.: **José Sebastião, agricultor, 75 anos**, em relação ao ano novo:

“No ultimo dia do ano que é o dia 31 véspera de ano novo, a gente fica na espera pela chuva sabe? Se chover ai a gente sossega mais um pouco, por que ai é sinal que o ano vai ser bom, mas se não a gente fica meio receoso.”

Santos e seus dias	Indicio de chuvas
Santa luzia (13/12)	Seis pedras de sal são colocadas em cima de uma telha. As que derreterem equivale aos meses de chuvas!
São José (21/04) Véspera de ano novo (31/12)	Chovendo nesses dias o inverno será bom!

Fonte: pesquisa de campo/comunidades de Matas do Riachão e Matas do Olho d'Água/ 2017

Fotografia 9- Santa Luzia



Fotografia 10-Santo São José



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados apresentados por nossa pesquisa demonstrou que os moradores rurais das comunidades de Matas do Riachão e Matas do olho D' água, possuem largos conhecimentos acerca dos principais sinais fornecidos pela natureza na sua região, que de alguma forma no conhecimento popular, prenunciam chuva ou seca. Foi possível perceber que as experiências de inverno são repassadas de geração em geração e que as mesmas, servem para o agricultor administrar e organizar os trabalhos no campo.

É importante ressaltar, que todos os entrevistados admitem ter dificuldade em acertar às previsões de chuvas atualmente, Isso acontece, em decorrência, principalmente das mudanças climáticas decorrentes dos últimos anos, as experiências não estão sendo mais tão eficaz, é comum encontrar nas comunidades estudadas alguns relatos dos agricultores como, “as experiências hoje em dia não esta valendo mais nada”, o inverno está todo atrapalhado”.

Portanto consideramos que muitos acreditam que a previsão popular mereceria ter sua qualidade reconhecida pela comunidade científica, estacada vez mais, tenta oferecer à

população previsões climáticas feitas com bases probabilísticas. Enquanto as “experiências” realizadas pelos “profetas das chuvas” são multidimensionais, ou seja, servem a uma variedade de propósitos culturais. As previsões científicas são somente tentativas de prever o comportamento do clima no futuro, elaboradas sem qualquer referência cultural para muitos dos agricultores, que na grande maioria, possuem baixo nível de escolaridade e muitas vezes não entende a linguagem científica (FOLHES, 2007).

REFERÊNCIAS

- ABRANTES, P. M.; SOUSA, R. F. de, LUCENA, C.M; LUCENA, R. F. P; PEREIRA, D. D. Aviso de chuva e de seca na memória do povo: o caso do cariri paraibano. **Revista BIOFAR**, v. 5, n. 2, dec. 2011.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009
- FOLHES, M. T., DONALD, N. Previsões tradicionais de tempo e clima no Ceará: o conhecimento popular a serviço da Ciência. **Sociedade & Natureza**, v. 19, n. 2, p. 19-31, 2007.
- FUENTES, M.C; BASTOS, S.B; SANTOS, N.M. Estudo do conhecimento climático popular na região semiárida do Estado da Bahia. **Revista de Ciências Humanas**, v. 15, n. 2, p. 349-365, 2015.
- GALENO, A. **Seca e inverno nas “experiências” dos matutos cearenses**. Fortaleza: 1998.
- LUCENA, R. F. P.; ARAÚJO, H. F. P.; MOURÃO, J. S.; ALBUQUERQUE U. P. A flor chegou, chuva avisou: meteorologia popular no semiárido paraibano. In: ALVES, Â. C. G.; LUCENA, R. F. P.; ALBUQUERQUE, U. P. (Orgs.). **Atualidades em Etnobiologia e Etnoecologia**. Recife: Editora NUPEEA, 2005. p. 171-182. v. 2.
- MAGALHÃES, J. Previsões folclóricas das secas e dos invernos no nordeste brasileiro. **Revista de Antropologia**, v. 33, p. 253-268, 1952.
- MARENGO, J. Caracterização do clima no século XX e cenário de mudanças de clima para o Brasil no século XXI usando os modelos do IPCC-AR4. **Revista Multiciência**, n. 8, 2007.
- MARTINS, K. P. H. (Org.). **Profetas da chuva**. Fortaleza: Tempo d’Imagem, 2006.
- MEDEIROS, N.; PINTO, A.; ROZENDO, C. Profetas da chuva” do Seridó potiguar, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Ciências Humanas**, v. 9, n. 3, p. 773-795, 2014.
- NASUTI, S.; CURI, M.; MEDEIROS, N.; PINTO, A.; IBIAPINA, I.; ROZENDO, C.; HIROO, C. Conhecimento tradicional e previsões meteorológicas: agricultores familiares e as “experiências de inverno” no semiárido potiguar. **Revista Econômica do Nordeste**, V. 44, n. esp., p. 383-402, 2013.
- NOGUEIRA, M. M. T; SILVA, D. P. Prenúncio de chuvas por animais na visão de moradores da zona rural do Município de Cuité-PB, BRASIL. **Revista Brasileira de Informações Científicas**, v. 6, n. 3, 2015.
- PELLEGRINO, S. Antropologia e visualidade no contexto indígena. **Caderno de Campo**, n. 16, 2007.
- TADDEI, R. Os profetas da chuva do sertão como produção midiática. Anais da Reunião Anual da Latin America Studies Association, 2009. Disponível em: <<http://lasa.international.pitt.edu/members/congress-papers/lasa2009/files/TaddeuRenzo.pdf>>. Acesso em: 2 ago. 2012.